

RUBEM  
BRAGA

13.5.65

CARTA A  
UM AMIGO  
CHILENO

Ora, Jorge, tu és apenas um mau silêncio atrás de uma cordilheira; que há? Tenho o pressentimento de que advogas mal, faltas ao Ministério e bebes de maneira repulsiva; ou nem isso. E teu campo, tuas lavouras, tuas palavras, teus contos, tua magra escultora, tuas cartas sêcas aos peruanos que vendem algodão? Perguntei por ti ao Neruda, êle disse que o abandonas totalmente. O Tiago de Melo me conta que estás magro, o que não é novidade. E Enrique Bello? e a Negra Vergara? Existe realmente o Chile ou eu fui adido comercial junto a uma nuvem?

Oh, escreve. Conta-me de vagar as coisas e as circunstâncias, o mar atrás do arvoredo em Zapallar, e quem estava, e o que se disse, e se fêz. A terra treme bem neste outono? E tu? Que planijas de tarde, em Agustinas, com o pequeno Huidobro malicioso? Já se criou um mundo espiritual em Melipilla? Ah, eu gostaria de estar no Chile e me apaixonar pela irmã de Paulina Waugh; dedicar-nos-íamos à cerâmica, iríamos morar em Pomaire, fariamos pequenos bois de barro no quin-

tal, e de tarde, quando escurecesse, ficaríamos muito tristes, nós e os nossos bois. Aos domingos iríamos ao cinema em Talagante, em bicicletas roubadas de um quadro de Nemesio Antúnez, magras, patéticas bicicletas, oh cloróticas e hécticas bicicletas, verdadeiras bicicléticas, luéticas bicluéticas, pobres bicicletas de dicionário, que me transformariam em poeta luciferário que, segundo o *Pequeno Dicionário*, é “aquêlé que leva lanterna em procissões”.

Levaria minha lanterna sempre apagada em sinal de luto e de humildade; e quando a Waugh fugisse com o marido de Carmen Johnson, o colecionador de aranhas que tem barbas ruiças, eu me deitaria por terra, no fundo do quintal, e uivaria seu nome: waugh, uóf, uóóóóóf...

Êstes são, mancebo Edwards, meus sonhos presentes. Dirás que são tristes. São. “Hay motivo.” Depois te conto meus impasses; sabes que “impasse”, em francês, é bêco sem saída? Gostaria que viesses até aqui; eu te levaria com “la niña que llegó de Europa” a Cabo Frio, onde há águas azuis rajadas de verde e a geometria prateada das salinas, e os moínhos de vento moendo as águas; e ilhas, canais, caminhos, e lentas lagoas côr de estanho, e casuarinas — e o mar. No morro verde que tem uma capelinha no alto vimos cinco mulheres que subiam, duas tinham vestidos azuis, três tinham vestidos vermelhos, e essas côres eram tão leves e vivas que faziam, se movendo, uma pequena festa no alto do triste morro colonial. Escreve, aparece, e um abraço, e meus fundos respeitos a Pilar de Castro; adeus.